



E&N

ECONOMIA & NEGÓCIOS

Sucessão no FMI

Otaviano Canuto vai substituir Paulo Nogueira
Pág. B4

Mudança no varejo

Atacarejo passa hipermercados em número de lojas
Pág. B6

Importância menor. Nova metodologia adotada pelo IBGE diminui de 12,7% para 10,9% a fatia da indústria na economia brasileira; de acordo com levantamento feito pela Fiesp em países com renda per capita semelhante, nível só supera o registrado na Grécia

Mudança no cálculo do PIB reduz participação da indústria na economia

Pág. B3

Participação deve cair a 10,6% este ano

Pelas projeções da Fiesp, alta no custo da energia, juros altos e desaquecimento da economia vão reduzir ainda mais fatia da indústria no PIB

Luiz Guilherme Gerbelli

A participação da indústria de transformação na economia brasileira é menor do que se imaginava. A mudança no cálculo do PIB (Produto Interno Bruto, soma de todas as riquezas produzidas no País) promovida pelo IBGE deu ao setor industrial uma fatia de apenas 10,9% da economia nacional. Sem as alterações de metodologia das contas nacionais, a participação estaria em 12,7%.

O cálculo faz parte de um estudo realizado pela Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) que confirma a forte deterioração do setor nos últimos anos. "A queda da indústria traz consequências graves para todo o País. O setor é um estimulador do crescimento e um multiplicador da renda", afirma José Ricardo Roriz Coelho, diretor do Departamento de Competitividade e Tecnologia da Fiesp.

A perda de participação da indústria na economia escancarou um descompasso econômico. O setor tem uma baixa representatividade num cenário no qual o PIB per capita brasileiro ainda é mediano. Ou seja, o País ganhou uma característica de economia madura antes

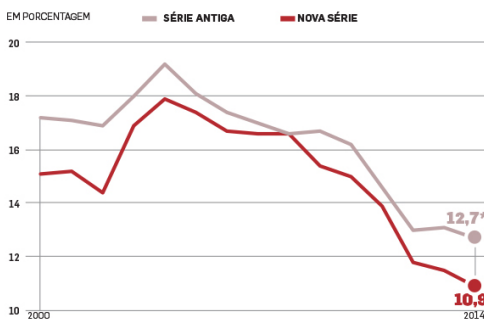
● **Mudança**
"Até a crise de 2009, a indústria brasileira conseguia manter uma certa participação no PIB porque as exportações de manufaturados estavam num nível razoável."

Nelson Marconi
COORDENADOR EXECUTIVO
DO FÓRUM DE ECONOMIA DA
FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS (FGV)

PERDA DE ESPAÇO DA INDÚSTRIA

Sector desce a ladeira

Participação da indústria de transformação no PIB



*Calculado com base na variação da nova série
FONTE: FIESP

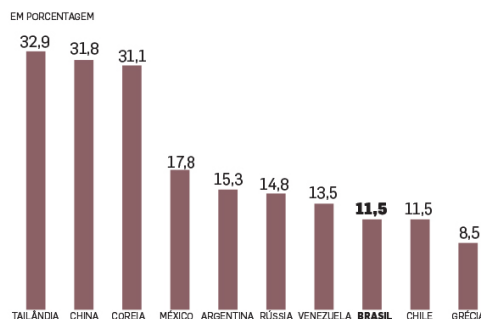
de hora. Normalmente, ao se desenvolverem, os países enfrentam processos de desindustrialização, mas com um nível de renda mais elevado.

Ranking. O levantamento da Fiesp também analisou o tamanho do setor industrial em 20 países, além do Brasil, com renda per capita de mesmo nível. Com base nos dados disponíveis de 2013, o resultado mostrou que a fatia da indústria brasileira é uma das menores do mundo.

Há dois anos, a fatia da indústria de transformação era de 11,5% do PIB, mesmo nível observado no Chile e superior apenas à da Grécia (8,5%). Os países com maior participação do setor industrial foram Tailândia (32,9%), China (31,8%) e Coreia do Sul (31,1%) (ver quadro). "Até a crise de 2009, a indústria brasileira conseguia manter uma certa participação no PIB porque as exporta-

Comparação entre países

Participação em 2013



INFOGRÁFICO/ESTADÃO
JOSE PATRICIO/ESTADÃO-18/9/2015



Menos fôlego. Há dois anos, a fatia da indústria de transformação era de 11,5% do PIB

ções de manufaturados estavam num nível razoável. Depois da crise, a indústria não se recuperou mais e começou a cair vertiginosamente", diz

Nelson Marconi, coordenador executivo do Fórum de Economia da Fundação Getúlio Vargas (FGV).

O desempenho ruim do setor

ficou mais evidente depois da crise internacional porque a demanda por produtos manufaturados brasileiros diminuiu nos principais mercados de exporta-

ção, como Europa e Estados Unidos, afetados diretamente pela turbulência internacional. Na época, o câmbio também se valorizou e elevou a perda de competitividade do setor.

"A taxa de câmbio se valorizou até 2012. A balança comercial do setor de manufaturados piorou muito nesse período, o que afetou muito a indústria. As medidas que o governo adotou para estimular a indústria foram na verdade atendidas em boa parte pelos importados", afirma Marconi.

No dia a dia das empresas, a perda de participação da indústria se traduziu em ajustes. A Fiamm, empresa de autopeças que produz e importa buzinhas, chegou a ter três turnos de funcionários - no auge de vendas para o setor automotivo. Hoje, tem apenas um. "Em 2013, tivemos um pico de volume, mas já havia uma influência de importados. Este ano o volume está uma tragédia", afirma Josué Leite de Paula, diretor-geral da empresa.

Por ora, a projeção da Fiesp é que a indústria de transformação continue perdendo participação em 2015. A entidade estima que o setor deverá responder por 10,6% do PIB.

O setor lida com uma combinação perversa: aumento no custo de energia, juros elevados e crédito mais restrito, além do desaquecimento geral da economia, que reduz a demanda por produtos industriais. "Nesses primeiros quatro meses de 2015, a situação está crítica. O volume está muito abaixo do ano anterior, que já foi menor do que o de 2013. Se comparar 2015 com 2013, há uma queda de quase 30% nos volumes pedidos", afirma Edson Furlanetto, presidente da fabricante de autopeças Kostal.